

H.P.Lovecraft

Nas Montanhas da Loucura

Tradução

Fábio Fernandes

Editora Underworld

BH, 2010

Encontro-me forçado a falar porque os homens de ciência se recusaram a seguir meu conselho sem saber os motivos. É completamente contra a minha vontade que conto os motivos pelos quais me oponho a esta invasão planejada da Antártica – com sua grande caçada a fósseis e sua perfuração e derretimento das antigas calotas polares a torto e a direito. E mais relutante fico porque meu alerta pode ser em vão.

A dúvida quanto aos fatos reais, na forma em que devo revelá-los, é inevitável; no entanto, se eu suprimisse o que parecerá extravagante e incrível, nada restaria. As fotografias até então inéditas, tanto as comuns quanto as aéreas, contarão a meu favor, pois são terrivelmente vividas e explícitas. Ainda assim, elas serão alvo de dúvidas devido ao muito que se pode fazer hoje em termos de falsificações inteligentes. Os desenhos a bico de pena, naturalmente, serão alvo de mofa e considerados imposturas óbvias, independentemente da técnica um tanto estranha que os especialistas em arte deverão observar e comentar intrigados.

No fim das contas, devo confiar no juízo e na defesa dos poucos líderes científicos que possuem por um lado, independência suficiente de pensamento para sopesar meus dados por seus próprios méritos pavorosamente convincentes ou à luz de certos ciclos míticos primordiais e altamente impressionantes; e, por outro lado, influência suficiente para impedir que o mundo dos exploradores em geral ponha em

prática qualquer programa apressado e muito ambicioso na região daquelas montanhas da loucura. É um fato infeliz que homens relativamente obscuros como eu e meus associados, vinculados apenas a uma pequena universidade, tenham pouca chance de provocar boa impressão quando se trata de assuntos de natureza extremamente bizarra ou altamente controvertida.

Pesa ainda mais contra nós o fato de que não somos, no sentido mais estrito, especialistas nas áreas que acabaram por ser as mais importantes. Como geólogo, meu objetivo ao liderar a Expedição da Universidade de Miskatonic era inteiramente o de coletar espécimes de rocha e solo de nível profundo de várias partes do continente antártico, auxiliado pela notável perfuratriz desenvolvida pelo Professor Frank H. Pabodie, de nosso departamento de engenharia. Eu não tinha desejo de ser pioneiro em nenhuma outra área que não essa, mas esperava que o uso desse novo dispositivo mecânico em diferentes pontos ao longo de trilhas previamente exploradas trouxesse à luz materiais de uma espécie até então inalcançada pelos métodos tradicionais de coleta.

O aparato perfurador de Pabodie, como o público já sabe a partir de nossos relatórios, era único e radical em sua leveza, portabilidade e capacidade de combinar o princípio da broca artesiana tradicional com o princípio da broca de rocha circular pequena de maneira tal a perfurar rapidamente estratos de dureza variável. Cabeça de aço, hastes com juntas articuladas, motor a gasolina, torre de madeira desmontável, paraphernalia de dinamitação, encordoamento, trado para remover detritos e secções de encanamento para buracos de doze centímetros de largura e até trezentos metros de profundidade não formavam todos, com os acessórios necessários, uma carga tão

grande que três trenós de sete cães não pudessem carregar. Isto foi possibilitado pela liga de alumínio inteligente com a qual a maioria dos objetos de metal foi fabricada. Quatro grandes aviões Dornier, especialmente projetados para o voo em tremenda altitude necessário no platô antártico e com dispositivos para aquecimento de combustível e partida rápida criados por Pabodie, poderiam transportar nossa expedição inteira a partir de uma base à beira da grande barreira de gelo até diversos pontos adequados no interior, e a partir desses pontos um número suficiente de cães nos serviria.

Planejávamos cobrir uma área tão grande quanto uma temporada antártica – ou maior, se absolutamente necessário – permitisse, operando em grande parte nas cadeias de montanhas e no platô ao sul do Mar de Ross; regiões exploradas em vários níveis por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com mudanças freqüentes de acampamento, efetuadas por aviões e envolvendo distâncias grandes o suficiente para serem de importância geológica, esperávamos desenterrar uma quantidade sem precedentes de material – especialmente no estrato Pré-Cambriano, do qual uma faixa tão estreita de espécimes antárticos havia sido coletada até então. Também queríamos obter a maior variedade possível de rochas fossilíferas superiores, pois o histórico da vida primitiva daquele reino lúgubre de gelo e morte é da maior importância para nosso conhecimento do passado da terra. Que o continente antártico já foi temperado e até mesmo tropical, com abundante vida vegetal e animal das quais os líquens, a fauna marinha, os aracnídeos e os pinguins da margem norte são os únicos sobreviventes, é de conhecimento comum; e nós esperávamos expandir esse conhecimento em variedade, precisão e detalhe. Quando uma simples perfuração

revelasse sinais fossilíferos, nós alargáramos a abertura com explosivos, para obtermos espécimes de tamanho e condições adequados.

Nossas perfurações, de profundidades variadas de acordo com as perspectivas levantadas pela camada superior de rocha, deveriam ser confinadas ou expostas, ou quase expostas, a superfícies terrestres – sendo estas inevitavelmente encostas e cordilheiras devido à espessura de dois ou três quilômetros de gelo sólido sobrepondo-se às camadas inferiores. Não podíamos nos dar ao luxo de desperdiçar recursos perfurando uma quantidade considerável de mera glaciação, mas Pabodie bolou um plano que consistia em afundar eletrodos de cobre em aglomerados densos de perfurações e derreter áreas limitadas de gelo com a corrente gerada por um dínamo movido a gasolina. É esse plano – que não poderíamos colocar em efeito a não ser experimentalmente em uma expedição como a nossa – que a vindoura Expedição Starkweather-Moore se propõe a seguir, apesar dos avisos que tenho dado desde nosso retorno da Antártica.

O público sabe da Expedição Miskatonic por meio de nossos frequentes relatórios via rádio para o Arkham Advertiser e para a Associated Press, e através dos artigos posteriores escritos por Pabodie e por mim mesmo. Éramos quatro homens da Universidade – Pabodie, Lake, do Departamento de Biologia, Atwood, do Departamento de Física – ele também era meteorologista – e eu mesmo, representando o Departamento de Geologia e no comando nominal da expedição – além de dezesseis assistentes: sete alunos graduados de Miskatonic e nove competentes mecânicos. Desses dezesseis, doze eram pilotos de avião qualificados, e todos exceto dois eram operadores de rádio competentes. Oito entendiam de

navegação com bússola e sextante, assim como Pabodie, Atwood e eu. Além disso, naturalmente, nossos dois navios – ex-baleeiros de madeira, reforçados para as condições do gelo e com propulsão auxiliar a vapor – tinham tripulação completa.

A Fundação Nathaniel Derby Pickman, auxiliada por algumas contribuições especiais, financiou a expedição; por isso nossos preparativos foram extremamente completos, apesar de praticamente não ter havido divulgação. Os cães, trenos, máquinas, materiais de acampamento e partes desmontadas de nossos cinco aviões foram entregues em Boston, e lá nossos navios foram carregados. Nós estávamos maravilhosamente bem equipados para nossos propósitos específicos, e em todas as questões ligadas a suprimentos, alimentação, transporte e construção de acampamentos só tivemos a lucrar com o excelente exemplo de nossos muitos recentes e excepcionalmente brilhantes predecessores. Foi o número incomum e a fama desses predecessores o que tornou a nossa própria expedição – por maior que fosse – tão pouco notada pelo mundo de modo geral.

Conforme relataram os jornais, partimos do Porto de Boston a 2 de setembro de 1930, descendo a costa num compasso tranqüilo, atravessando o Canal do Panamá e parando em Samoa e Hobart, Tasmânia, onde adquirimos os últimos suprimentos. Nenhum dos membros de nosso grupo de exploradores havia jamais estado nas regiões polares antes, e por isso todos confiávamos enormemente nos capitães de nossos navios – J. B. Douglas, comandando o brigue¹ Arkham, e atuando como

¹ Navio de dois mastros com velas quadradas, popular nos séculos 18 e 19. (N. do T.)

comandante da esquadra marítima, e Georg Thorfinnssen, comandando a barca² Miskatonic – ambos baleeiros veteranos em águas antárticas.

À medida que deixávamos o mundo habitado para trás, o sol afundava cada vez mais ao norte, e permanecia cada vez mais tempo acima do horizonte a cada dia. A cerca de 62° de Latitude Sul avistamos nossos primeiros icebergs – objetos semelhantes a mesas, com laterais verticais – e logo antes de atingirmos o círculo antártico, que cruzamos a 20 de outubro com as devidas cerimônias pitorescas, começamos a sofrer problemas consideráveis com o gelo no nosso trajeto. A temperatura que caía me incomodava consideravelmente após nossa longa viagem pelos trópicos, mas tentei me conter em vista dos rigores piores que estavam por vir. Em muitas ocasiões os curiosos efeitos atmosféricos me encantaram imensamente; entre os quais uma miragem impressionantemente vívida – a primeira que vi na vida – na qual blocos de gelo distantes se tornaram as ameias de inimagináveis castelos cósmicos.

Abrindo caminho pelo gelo, que por sorte nem era extenso nem muito denso, voltamos ao mar aberto na Latitude Sul 67°, Longitude Leste 175°. Na manhã de 26 de outubro, um forte resplendor da terra³ apareceu ao sul, e antes do meio-dia todos nós fomos tomados por uma onda de empolgação ao contemplar uma vasta, sobranceira e nevada cadeia de montanhas que se abria e cobria toda a vista à frente. Por fim havíamos encontrado um posto avançado do grande continente desconhecido e seu mundo críptico de morte congelada. Aqueles picos eram obviamente a Cadeia do

² Navio de três mastros com velas quadradas. (N. do T.)

³ Land blink, um brilho atmosférico peculiar que pode ser visto do mar sobre terras cobertas de neve nas regiões polares. (N. do T.)

Almirantado descoberta por Ross, e agora seria nossa tarefa circundar o Cabo Adare e descer a costa leste de Victoria Land até a base que havíamos planejado montar na margem do Estreito de McMurdo, aos pés do vulcão Erebus, na Latitude 77° 9' Sul.

A última etapa da viagem foi vívida e cheia de emoções. Grandes picos desolados e misteriosos assomavam constantemente contra o oeste à medida que o baixo sol setentrional do meio-dia ou o sol meridional ainda baixo, roçando o horizonte, da meia-noite derramavam seus raios avermelhados e enevoados sobre a neve branca, os caminhos de água e gelo azulado, e fragmentos negros de encosta de granito exposta. Os cumes desolados eram varridos por rajadas intermitentes do terrível vento antártico. cujas cadências às vezes continham vagas sugestões de uma música de flautas selvagem, que meio que parecia tocada por mãos humanas, com notas que se estendiam sobre uma ampla faixa, e que por algum motivo mnemônico subconsciente me pareciam inquietantes e até mesmo ligeiramente terríveis. Alguma coisa no cenário me lembrava das estranhas e perturbadoras pinturas asiáticas de Nicholas Roerich, e das descrições ainda mais estranhas e perturbadoras do mal-afamado platô de Leng, que ocorrem no temido Necronomicon do árabe louco Abdul Alhazred. Mais tarde eu lamentaria ter sequer olhado para esse monstruoso livro na biblioteca da faculdade.

No dia 7 de novembro, tendo perdido temporariamente a visão da cadeia ocidental, passamos pela Ilha de Franklin; e no dia seguinte avistamos os cones dos Montes Erebus e Terror na Ilha de Ross mais adiante, com a longa linha das Montanhas de Parry mais além. Ali agora se estendia para leste a linha branca e baixa da grande barreira de gelo, erguendo-se perpendicularmente a uma altura de sessenta metros

como as encostas rochosas de Quebec, e marcando o fim da navegação para o sul. À tarde adentramos o Estreito de McMurdo e paramos na costa do fumegante Monte Erebus. O pico escoriado assomava a cerca de três mil e oitocentos metros contra o céu oriental, como uma gravura japonesa do sagrado Fujiyama, enquanto além dele se elevava o branco e fantasmagórico Monte Terror, com três mil e trezentos metros de altitude, e agora extinto como um vulcão.

Baforadas de fumaça brotavam intermitentemente do Erebus, e um dos estudantes graduados – um jovem brilhante de nome Danforth – apontou o que parecia ser lava na encosta nevada, observando que aquela montanha, descoberta em 1840, havia indubitavelmente sido a fonte da imagem de Poe quando ele escreveu, sete anos mais tarde:

- as lavas que sem descanso rolam
Suas correntes sulfurosas pelo Yaanek
Nos climas derradeiros do polo -
Que rugem quando descem pelo Monte Yaanek
Nos reinos do polo boreal.⁴

Danforth era um grande leitor de material bizarro, e havia falado muito de Poe. Eu próprio estava interessado por causa do cenário antártico da única história longa de Poe – o perturbador e enigmático relato de Arthur Gordon Pym. Na margem desolada, and na barreira gelada alterosa ao fundo, miríades de grotescos pinguins guinchavam e batiam suas nadadeiras, ao passo que muitas focas gordas eram visíveis na água,

⁴ the lavas that restlessly roll / Their sulphurous currents down Yaanek / In the ultimate climes of the pole
- That groan as they roll down Mount Yaanek / In the realms of the boreal pole. Ulalume, poema de Edgar Allan Poe escrito em 1847. (N. do T.)

nadando ou escarrapachadas ao longo de grandes bolos de gelo que lentamente se afastavam uns dos outros.

Usando barcos pequenos, efetuamos um difícil desembarque na Ilha de Ross pouco depois da meia-noite da manhã do dia 9, transportando um cabo de cada um dos navios e nos preparando para desembarcar suprimentos através de um sistema de bóias de salvamento. Nossas sensações ao pisar pela primeira vez o solo antártico eram pungentes e complexas, muito embora neste ponto em particular as expedições de Scott e Shackleton já tivessem nos precedido. Nosso acampamento na margem congelada abaixo da encosta do vulcão era apenas provisório, e o quartel-general seria mantido a bordo do Arkham. Desembarcamos todo o nosso aparato de perfuração, cães, trenós, tendas, provisos, tanques de gasoline, aparelho experimental de derretimento de gelo, câmeras, tanto comuns quanto aéreas, peças de aviões e outros acessórios, incluindo três pequenos rádios portáteis – além daqueles já instalados nos aviões – capazes de estabelecer comunicação com o rádio maior do Arkham de qualquer parte do continente antártico que pudéssemos querer visitar. O rádio do navio, que se comunicaria com o mundo exterior, iria transmitir relatórios de imprensa para a poderosa estação de rádio do Arkham Advertiser em Kingsport Head, Massachusetts. Esperávamos completar nosso trabalho ao longo de um único verão antártico; mas, caso isso provasse ser impossível, invernaríamos a bordo do Arkham, enviando a Miskatonic para norte antes que o gelo se fechasse para buscar suprimentos para mais um verão.

Não preciso repetir o que os jornais já publicaram sobre nosso trabalho inicial: nossa subida do Monte Erebus; nossas bem-sucedidas perfurações minerais em diversos pontos na Ilha de Ross e a velocidade singular com que o aparato de Pabodie as realizou, mesmo através de camadas sólidas de rocha; nosso teste provisório do pequeno equipamento de derretimento do gelo; nossa perigosa subida da grande barreira com trenós e suprimentos; e nossa montagem final de cinco aviões enormes no acampamento no topo da barreira. A saúde de nossa equipe de terra – vinte homens e cinquenta e cinco cães de trenó do Alasca – era notável, embora naturalmente nós não tivéssemos até o momento encontrado temperaturas ou tempestades realmente destrutivas. Na maioria do tempo, o termômetro variava entre seis e quatro graus Celsius negativos, e nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra nos havia acostumado a rigores dessa sorte. O acampamento da barreira era semipermanente, e destinado a ser um posto de armazenamento para gasolina, provisões, dinamite e outros suprimentos.

Apenas quatro de nossos aviões eram necessários para transportar o material de exploração; o quinto ficara com um piloto e dois homens dos navios no posto de armazenamento como um meio de nos alcançar do Arkham caso todos os nossos aviões de exploração se perdessem. Mais tarde, quando não estivéssemos usando todos os outros aviões para mover os aparatos, empregaríamos um ou dois num serviço de transportes entre esse local e outra base permanente no grande platô de novecentos a mil e cem quilômetros ao sul, além da Geleira Beardmore. Apesar dos relatos quase unânimes de assustadores ventos e tempestades que desabam do platô, estávamos determinados a dispensar as bases intermediárias, arriscando nossas chances no interesse da economia e da provável eficiência.

Os relatórios via radio mencionaram o cansativo vôo de quatro horas de nosso esquadrão no dia 21 de novembro, sem paradas, sobre a geleira altaneira, com vastos picos se elevando a oeste, e os silêncios insondáveis ecoando ao som de nossos motores. O vento só nos perturbava moderadamente, e nossas bússolas de radio nos ajudaram a atravessar o único nevoeiro opaco que encontramos. Quando a vasta elevação surgiu adiante de nós, entre as Latitudes 83° e 84°, percebemos que havíamos chegado à Geleira Beardmore, o maior vale glacial do mundo, e que o mar congelado estava agora dando lugar a uma linha costeira tortuosa e montanhosa. Enfim estávamos verdadeiramente entrando no mundo branco e morto há eras do sul derradeiro. Só nos demos conta disso no instante em que vimos o pico do Monte Nansen à distância no leste, assomando em toda a sua altura de quase quatro mil e quinhentos metros.

O estabelecimento bem-sucedido da base sul acima da geleira na Latitude 86° 7', Longitude Leste 174° 23', e as perfurações e explosões fenomenalmente rápidas e eficientes efetuadas em vários pontos alcançados por nossas viagens de trenó e vôos curtos de avião, já fazem parte da História; bem como a árdua e triunfante subida do Monte Nansen por Pabodie e dois dos estudantes graduados – Gedney e Carroll – em 13 a 15 de dezembro. Estávamos a cerca de dois mil e quinhentos metros acima do nível do mar, e quando perfurações experimentais revelaram terreno sólido apenas três metros e meio abaixo da neve e do gelo em determinados pontos, fizemos um uso considerável do pequeno aparato de derretimento e perfuração e dinamitamos muitos lugares onde nenhum explorador havia antes sequer pensado em coletar espécimes

minerais. Os granitos e arenitos de Beacon Pré-Cambrianos assim obtidos confirmaram nossa suspeita de que aquele platô era homogêneo, com a maior parte do continente a oeste, mas um tanto diferente das partes mais a leste abaixo da América do Sul – que então achávamos formar um continente separado e menor dividido do maior por uma junção congelada dos Mares de Ross e Weddell, embora depois Byrd tenha invalidado essa hipótese.

Em determinados tipos de arenitos, dinamitados e esculpidos depois que a perfuração revelou sua natureza, encontramos marcas e fragmentos de fósseis altamente interessantes; notavelmente samambaias, algas marinhas, trilobitas, crinoidea, e moluscos como linguellae e gastrópodes – todos os quais pareciam de verdadeira importância em ligação com o histórico primordial da região. Havia também uma estranha marca estriada e triangular, com cerca de trinta centímetros em seu maior diâmetro, que Lake montou a partir de três fragmentos de ardósia trazidos de uma abertura explodida a uma maior profundidade. Esses fragmentos tinham vindo de um ponto a oeste, perto da Cordilheira da Rainha Alexandra; e Lake, como biólogo, achou aquelas curiosas marcas anormalmente enigmáticas e provocativas, embora ao meu olhar geológico elas não parecessem diferentes de alguns dos efeitos ondulatórios razoavelmente comuns em rochas sedimentares. Como ardósia não é nada além de uma formação metamórfica na qual um estrato sedimentar é pressionado, e como a própria pressão produz estranhos efeitos de distorção em quaisquer marcas que possam existir, não vi motivos para grandes maravilhamentos diante dessa depressão estriada.

A 6 de janeiro de 1931, Lake, Pabodie, Danforth, os outros seis estudantes e eu voamos diretamente sobre o polo sul em dois dos grandes aviões, sendo forçados a descer uma vez por um súbito vento alto, que, felizmente, não aumentou para se tornar uma típica tempestade. Este foi, como declararam os jornais, um de diversos vôos de observação, durante os quais tentamos discernir novos vestígios topográficos em áreas inalcançadas por exploradores anteriores. Nossos primeiros vôos foram decepcionantes nesse último quesito, embora tenham nos conseguido alguns magníficos exemplos das miragens ricamente fantásticas e ilusórias das regiões polares, das quais nossa viagem marítima havia nos dado alguns breves vislumbres anteriormente. Montanhas distantes flutuavam no céu como cidades encantadas, e muitas vezes todo o mundo branco se dissolvia em uma terra de ouro, prata e escarlate de sonhos dunsanianos⁵ e expectativa aventureira sob a magia do sol da meia-noite. Em dias nublados tínhamos problemas consideráveis para voar, devido à tendência da terra Nevada e do céu a se fundirem em um único místico vácuo opalescente sem horizonte visível para marcar a junção dos dois.

Por fim resolvemos efetuar nosso plano original de voar oitocentos quilômetros para leste com todos os quatro aviões de exploração e estabelecer uma nova sub-base em um ponto que provavelmente ficaria na menor divisão continental, como nós havíamos erroneamente concebido. Os espécimes geológicos ali obtidos seriam desejáveis para fins de comparação. Nossa saúde até então continuava excelente – o suco de limão equilibrava bem a dieta rígida de comida enlatada e salgada, e temperaturas geralmente acima de zero nos permitiam ficar sem os agasalhos de pele

⁵ Referência a Lord Dunsany, autor de contos de fantasia notabilizados por cenários mágicos e oníricos. (N. do T.)

mais espessos. Estávamos agora em meados do verão, e com pressa mas cuidado poderíamos ser capaz de concluir o trabalho em março e evitar um tedioso inverno na longa noite antártica. Várias tempestades devastadoras haviam nos atingido do oeste, mas nós não havíamos sofrido dando algum, graças à habilidade de Atwood em desenvolver abrigos rudimentares para os aviões e quebra-ventos com blocos de neve pesados, e reforçar os principais prédios do acampamento com neve. Nossa sorte e eficiência haviam mesmo sido quase únicas.

O mundo exterior sabia, naturalmente, de nosso programa, e também ficou sabendo da estranha e teimosa insistência de Lake emu na viagem de prospecção para oeste – ou melhor, para noroeste – antes de nossa mudança radical para a nova base. Parece que ele havia ponderado muito, e com ousadia alarmantemente radical, sobre aquela marca estriada triangular na placa de ardósia; lendo nela certas contradições de natureza e período geológico que atiçaram a curiosidade dele ao máximo, e o deixaram ávido por realizar mais perfurações e explosões na formação que se estendia a oeste à qual os fragmentos exumados evidentemente pertenciam. Ele estava estranhamente convencido de que a marca era a impressão de algum grande, desconhecido e radicalmente inclassificável organismo de evolução consideravelmente avançada, sem contar que a rocha que a portava tinha uma data tão antiga – Cambriana, se não Pré-Cambriana – que parecia mostrar que era impossível a existência provável não só de toda vida altamente evoluída, mas de toda vida acima do estágio unicelular ou no máximo do estágio dos trilobitas. Esses fragmentos, com suas marcas estranhas, deviam ter entre quinhentos milhões a um bilhão de anos de idade.